

A FORÇA QUE ACIONA O GATILHO: CONSIDERAÇÕES SOBRE O MORAL DA TROPA

*Bruno Cabral Celestino*¹

Resumo

A Doutrina Militar Terrestre do Exército Brasileiro define o Princípio de Guerra Moral como o estado de ânimo ou a atitude mental de um indivíduo, ou de um grupo de indivíduos, que se reflete na conduta da tropa. Alguns estudiosos consideram que vivemos um momento de declínio dos Estados Nacionais, pelo grande crescimento de organismos multinacionais como a Organização das Nações Unidas (ONU), fazendo pouco importar a qualidade, o sentimento patriótico de uma nação. Todavia alguns recentes conflitos vem mostrando que o espírito de um povo – refletida no moral de seu exército - pode mudar o curso de uma guerra na defesa de sua nação.

Palavras-Chaves: Moral, nação, qualidade, indivíduo.

Introdução

A Doutrina Militar Terrestre do Exército Brasileiro define o Princípio de Guerra *Moral* como o estado de ânimo ou a atitude mental de um indivíduo, ou de um grupo de indivíduos, que se reflete na conduta da tropa, sendo que a estabilidade do grupo depende da qualidade dos indivíduos que dele participam e de suas reações à ação do comandante. A estabilidade e a moral individuais fundamentam-se na qualidade da formação e na natureza do indivíduo (BRASI,2017).

É interessante notar que mesmo que os estados nacionais atuem por meio de suas capacidades militares, em suas Forças Armadas, as características individuais, o *ethos* de um povo, podem definir de maneira positiva ou negativa o resultados de batalhas ou até mesmo do conflito em si.

Alguns estudiosos consideram que vivemos um momento de declínio dos Estados Nacionais, pelo grande crescimento de organismos multinacionais como a Organização das Nações Unidas (ONU). Após o fim do conflito ideológico conhecido como Guerra Fria, novos atores surgiram no cenário geopolítico e, por consequência, novos conflitos eclodiram a partir das décadas de 1980 e 1990. Também nesse momento a ONU aumentou o número de países em sua composição nesse período. Além disso, os chamados “Estados Falidos”, que perderam a capacidade de governar seus territórios, deram lugar a cada vez mais intervenções militares sobre a égide da ONU ou até mesmo encabeçada por um outro Estado Nacional (HOBSBAWN, 2007).

¹ Capitão de Cavalaria da turma de 2013 da Academia Militar das Agulhas Negras. Pós-graduação *Latu Sensu* em Equitação pela Escola de Equitação do Exército e especializado em Tática de Blindados Sobre Lagartas pelo Centro de Instrução de Blindados. Foi instrutor da Escola de Sargentos das Armas. Atualmente cursando o Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais Linha de ensino Militar Bélica na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais.

Todavia alguns recentes conflitos vem mostrando que o espírito de um povo – refletida no moral de seu exército - pode mudar o curso de uma guerra na defesa de sua nação.

Desenvolvimento

Segundo Aron, as relações entre os Estados comportam, essencialmente, a alternativa entre a guerra e a paz, sendo a guerra um ato de violência destinado a obrigar o adversário a realizar a nossa vontade. Tal vontade traduz-se no que é conhecido por interesse nacional. Este interesse, dificilmente é mensurado fora de paradigmas políticos, sujeitos aos “ares” do momento. Todavia é mais válido considerar o caráter nacional envolvido em uma ação de Estado por meio de seu monopólio da violência.

Tomando o indivíduo como produto de seu meio, de suas circunstâncias, é válido partir do pressuposto que a história de uma nação, seus mitos fundadores, suas condições econômica e social, os acontecimentos recentes e antigos formam, em síntese, o indivíduo que, em associação a outros, formará uma nação organizada em um Estado Nacional. A partir disso, estabelece-se uma dialética entre a formação do indivíduo e sua influência no Estado que, por seu atos e decisões, acaba por influenciar o indivíduo novamente. Forma-se o *ethos* da nação, o caráter nacional diretamente atrelado às qualidades individuais de seus cidadãos (ORTEGA Y GASSET, 2019).

Admitindo o exército como parcela significativa de uma nação, as qualidades individuais de seus soldados influenciarão no moral da tropa que se encontra em “estado de guerra”. Alguns exemplos na história comprovam a importância do moral para o sucesso das operações. Muitas vezes até mesmo supera a importância de outros princípios de guerra e da própria estruturação tática das frações.

A Primeira Guerra Mundial, foi um dos mais sangrentos do século XIX, ou pelo menos é conhecido dessa maneira. Isso se deve muito á forma com que se desenrolou o conflito, iniciando por uma guerra de movimento, passando por um período de guerra de posição, retomada do movimento fim da guerra. Foi um momento de grandes inovações tecnológicas aplicadas ao combate, muito explorado em literatura específica sobre o assunto. Porém o que mais chancelou a alcunha de sangrenta foi o período de guerra de posição, que por mais de dois anos fez a guerra estacionar em uma disputa por uma faixa de terreno de lama, cadáveres e pedras (EKSTEINS, 2021).

Mas o que fez o soldado continuar a lutar? Primeiro é importante salientar o caráter dos dois principais atores do conflito: Inglaterra e Alemanha. O império inglês, saindo da era vitoriana, representava o ápice de um Estado que suplantou suas próprias fronteiras, o então maior império do mundo. Acima de tudo ele figurava a tradição, o respeito à sua história, um olhar nostálgico ao passado. Em contrapartida a Alemanha recém unificada, pela própria falta de um mito fundador, olhava para o futuro aguardando o porvir na forma da *kultur* alemã. Tradição e revolução eram as bandeiras levantadas em lados opostos. Mas apesar de parecerem conceitos abstratos e muito amplos esse conflito se mostrava presente nos relatos de soldados do front. Cada um lutava para defender o seu modo de viver. (EKSTEINS, 2021).

Outro Estado Nacional que passou por momentos similares foi Israel. Sem entrar na discussão sobre a validação da criação do Estado de Israel e as condicionantes do momento, é fato que mesmo sem território os judeus são um dos povos mais antigos da história. Os heróis da Guerra de Independência (1948), conhecidos como os Primeiros Filhos, lutaram uma guerra a punhos, atuando de forma desordenada procurando atuar causando o máximo de danos aos árabes. Há relatos que as tropas de assalto eram integradas por civis, garotos e milicianos mal treinados, sem artilharia ou poder aéreo. Um de seus heróis tornou-se um dos grandes líderes da Guerra dos seis dias, Moshe Dayan. Ele explica em relatos que Israel não possuía, na época, uma doutrina de ação defensiva, pois considerando o inimigo na fronteira do país, o alcance de fogos indiretos cobriria todo o território israelense. Esse sentimento de sobrevivência e conquista de um território que cada cidadão israelense considera seu, é o que faz o exército de Israel continuar lutando até os dias atuais (PRESSFIELD, 2016).

Um exemplo mais próximo é o do conflito entre Rússia e Ucrânia. Os relatos são os mais atuais e gritantes. A história dos dois países se confunde, pois o território ucraniano era anteriormente parte da Rússia, sendo que o próprio povo russo era ancestralmente originário de Kiev, capital da Ucrânia. Após ser criada em uma manobra política de Vladimir Lênin, a Ucrânia foi invadida pelo Reich alemão na 2ª Guerra Mundial. Com a contraofensiva russa, foi anexada à União Soviética, onde vários refugiados políticos foram presos (SOLJENÍTSYN, 2019), além da conhecida exploração agrícola que foi empregada pelo regime stalinista, o *holodomor*. Esses e outros fatores, invariavelmente, criaram uma grande cisão entre o povo ucraniano e o povo russo através dos tempos (FERNANDES, 2007).

Quando as tensões se acirraram entre esses países no início de 2022, muito se temeu pela Ucrânia, por sua inferioridade territorial e bélica. Soma-se a isso a situação complicada em relação à crise com a OTAN, anunciada há muito por Vladimir Pútín (HANKIN, 2022).

A Ofensiva russa ocorreu e a guerra que varreria a Ucrânia do mapa não terminou. E mais, o povo ucraniano insiste em se render. Através de relatos de soldados e até de civis que não abandonam suas casas, pode se notar que a guerra está longe de acabar. Apesar de pesadas baixas de ambos os lados, o moral continua a impulsionar os exércitos para o campo de batalha (SOMMERVILLE, 2022).

Conclusão

O difuso conceito Moral, como Princípio de Guerra pouco pode ser explorado no nível tático. Há quem diga que somente no campo político que este preceito é trabalhado. Clausewitz considera a guerra como não apenas um ato político, mas um instrumento real da política. Todavia, quem luta a guerra, os soldados que estão não linha de batalha, se tiverem sua moral abalada jamais alcançarão os objetivos políticos e estratégicos almejados.

Como soldado que sou não creio que a “ponta da linha” acredite estar lutando por uma meta maior em prol de sua nação. Não. Ele luta por sua pátria em si, na noção mais simples do termo. O soldado inglês na Primeira Guerra Mundial lutou pra poder tomar seu chá em casa, assim como o alemão para tomar a sua cerveja quente. O israelense cava trincheiras no quintal de sua casa em Tel Aviv, assim como o ucraniano está lutando no portão de sua casa.

Sou do mesmo ponto vista de Chesterton quando diz, em tom irônico “Alguém no mundo acredita que um soldado dirá: “Minha perna está quase caindo, mas vou continuar até cair; depois de tudo, desfrutarei de todas as vantagens que meu governo terá ao obter um porto de águas termais no Golfo da Finlândia.” Trabalhar o Moral da tropa pouco se resume expor os objetivos a longo prazo de uma ação militar. O que é mais importante para o soldado é mostrar que uma ação tática mal executada poderá acarretar consequências na sua vida pessoal, nos seus costumes, na sua cultura.

Se o Moral se baseia em qualidades individuais de integrantes do grupo, a motivação para este grupo deve lhe trazer retornos individuais, nas coisas simples como coisas de soldado.

Referências

ARON, Raymond. **Paz e Guerra entre as Nações**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2018. 952p.

BRASIL. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. Estado-Maior do Exército. EB20-MF-10.102: DOCTRINA MILITAR TERRESTRE. Brasília, DF, ed. 2, 2019.

CHESTERTON, G.K. **O Homem Eterno**. São Paulo: Ciranda Cultural, 1ª edição, 2020. 462p.

EKSTEINS, Modris. **A Sagração da Primavera: A Primeira Guerra Mundial e o Nascimento da Modernidade**. São Paulo: Vide Editorial, 1ª edição, 2021. 462p.

FERNANDES, Cláudio. **Holodomor**. Disponível em: <<https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/holodomor.htm>> Acesso em: 26 set. 2022.

HANKIN, Lorna. **Guerra na Ucrânia: 6 gráficos mostram impacto devastador de 6 meses de conflito**. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-62657362>> Acesso em: 26 set. 2022.

HOBSBAWN, Eric. **Globalização, Democracia e Terrorismo**. As Nações e o Nacionalismo no novo século. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 86-96.

ORTEGA Y GASSET, José. **Meditações do Quixote**. São Paulo: Vide Editorial, 2019. 158p.

SOLJENÍTSYN, Aleksandr. **Arquipélago Gulag**. São Paulo: Editora Carambaia, 2019. 698p.

SOMMERVILLE, Quentin. **Contraofensiva da Ucrânia pode mudar destino da guerra com a Rússia?**. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-62752629>> Acesso em: 26 set. 2022.